

Arquivo Histórico de Joinville

Ano 3 Número 3 jun./1986

Criado pela Lei Municipal n. 1182 de 20/03/1972 na gestão do
Prefeito Harald Karmann, tendo sido seu 1º Diretor A. B. Schneider

Prefeitura Municipal de Joinville - PMJ

Prefeito: Sr. Wittich Freitag

Fundação Cultural de Joinville - FCJ

Presidente: Prof. Miraci Dereti

Arquivo Histórico de Joinville - AHJ

Diretora: Prof. Raquel S.Thiago

Historiadora
Elly Herkenhoff

Tradutora
Maria Thereza Bübel

Datilógrafa
Gessônia Leite de Andrade

Arquivo Histórico de Joinville

SUMÁRIO

página

Arquivo e Biblioteca

Raquel S.Thiago..... 5

A emigração para o Brasil e para a Colônia Dona Francisca em especial. (continuação)

Trad.: Maria Thereza Bübel..... 7

Relatório Trimestral de Atividades..... 14

Arquivo e Biblioteca

Raquel S.Thiago

Um dos problemas que se nos apresenta em determinadas circunstâncias é o de definirmos os limites de competência entre o arquivo e a biblioteca.

Numa rápida reflexão, três questões se impõem. A primeira, parte do próprio conceito de documento que inclui elementos gráficos, iconográficos, plásticos e cênicos, pelos quais o homem se expressa, como fazendo parte da infinita variedade de documentos. A abrangência do que pode ser documento é, portanto, enorme. Daí o primeiro questionamento. Quais os critérios que determinam a entrada de um livro num arquivo ou numa biblioteca?

Heloísa L. Belloto(1) afirma que a forma pela qual o documento é criado é que vai determinar seu uso e destino de armazenamento futuro. É a sua origem e emprego que determina sua condição de documento de arquivo ou de biblioteca. Serão absorvidos pela biblioteca os impressos ou audiovisuais resultantes de atividade cultural, técnica ou científica. O arquivo, por sua vez, absorverá um material muito variável indo, por exemplo, desde uma tabela assíria, passando por um livro de contabilidade de determinada empresa, até uma escritura de escravo, sem falar na infinidade de outros documentos. Em suma: a biblioteca instrui, ensina; o arquivo prova.

A segunda questão é a seguinte: além dos documentos-fonte primária, como pode o pesquisador ter acesso à enorme massa documental colocada à sua disposição ano após ano em todo o mundo? Ela pode estar contida em material manuscrito, impresso ou audiovisual, armazenada em biblioteca ou arquivo. Cabe a estes reunir, conservar, indexar, resumir, possibilitar a consulta e divulgar fontes de pesquisa. Tal tarefa cabe, pois, tanto ao arquivo quanto à biblioteca, embora sua organicidade e tipo de material sejam distintos. O tipo de documentação que vai para a biblioteca é, em geral, impressa e múltipla. Documentos idênticos podem ser encontrados simultaneamente em várias bibliotecas. Já no arquivo, o acervo pode ser manuscrito ou impresso, mas sua unicidade (ou baixa tiragem) é o que melhor o define. Quanto ao material audiovisual, este pode pertencer tanto ao arquivo quanto à biblioteca.

O terceiro questionamento está centrado na seguinte indagação: quais as formas de entrada do acervo na biblioteca e no arquivo? Na biblioteca normalmente ocorre através da compra, doação ou permuta. O arquivo, porém recebe os documentos através de

uma passagem natural dentro das idades do documento: arquivo corrente, intermediário e permanente. O material é recolhido sem haver, por parte do arquivista, qualquer seleção para aquisição, como faria o bibliotecário. A biblioteca é, pois, um órgão colecionador, ao passo que o arquivo é um órgão receptor.

Oportunamente discorreremos sobre Centro de Documentação que, assim como a biblioteca, difere (menos, é verdade) do arquivo.

- (1) As fronteiras da documentação, Cadernos FUNDAP, SP, Ano 4 n.8, abril/1984, p.12/16



A emigração para o Brasil e para a Colônia Dona Francisca em especial.

Trad.: Maria Thereza Babel

Algumas palavras aos nossos conterrâneos alemães e suíços

(continuação)

No começo do ano de 1856 a situação das plantações na Colônia era a seguinte:

321 morgos de mandioca

207 morgos de cana-de-açúcar

176 1/2 morgos de arroz

418 morgos de pastagem

102 morgos de hortaliças

o que perfaz um total de 1.224 1/2 morgos plantados e 33.470 cafeeiros em condições de produtividade; por outro lado, até o final do ano de 1856 o número de cafeeiros produtivos subiu para 43.900, a quantidade de morgos plantados com cana-de-açúcar, milho, arroz, hortaliças etc., para 1.380 morgos e as áreas destinadas à pastagem para 690 morgos, estando, portanto, atualmente, 1.980 morgos cultivados.

A pecuária na Colônia ainda não atingiu o ponto desejado, mas não devemos esquecer que para a implantação deste importante ramo da economia rural é necessário investir um capital considerável, mais do que a maioria dos colonos têm à disposição, atualmente. Mesmo assim, também neste ponto o progresso é notório. Há no momento, com exceção do gado trazido para corte, na Colônia:

79 bois e vacas

30 bezerros

70 cavalos

262 porcos

40 ovelhas

um pequeno número de cabras, algumas mulas e inúmeras aves, com as quais estão supridas todas as moradias.

As máquinas para o funcionamento da agricultura e outras instalações técnicas multiplicam-se igualmente; no entanto, a maioria é ainda movida pela mão do homem ou através de tração animal. Somente poucas são movidas pela força da água, apesar de não faltar força fluvial na Colônia, há pelo menos 8 a 10 rios e riachos em condições de mover moinhos, como na parte frontal da Colônia o Jaguaru, o rio do morro alto e um outro afluente, sem nome, do Cachoeira, e um ou outro riacho na estrada Guiger, na parte posterior da Colônia o Botucas, o Agoas vermelhas, o Pirahy Piranca, o Cubatão grande e quase todos os seus afluentes. Uma máquina na Colônia é movida a vapor.

Há 30 máquinas para mandioca
40 máquinas para arroz
9 máquinas para açúcar e preparo de cachaça
3 moinhos

além de 40 telheiras com olaria e uma serraria (a vapor).

A Colônia revela sua importância não apenas na agricultura, mas também no campo industrial. Mesmo que não se possa falar em fábricas propriamente ditas, no sentido europeu, já se fabrica vinagre, licor, cerveja, cigarros, móveis, tábuas em grande quantidade e na maioria sob encomenda, sendo que estes produtos são mandados para São Francisco, Desterro, Paranaguá e mesmo para o Rio de Janeiro. Artífices que não sirvam apenas ao luxo, sempre tem boas chances na Colônia e construtores de moinho, carpinteiros e outros trabalhadores são contratados muitas vezes para trabalhar em outras localidades. Principalmente na localidade Joinville, com suas 68 casas - a área rural tem 147 - instalaram-se o comércio e a indústria, atendendo satisfatoriamente as necessidades da Colônia. Também a vida aqui tem uma feição totalmente européia. Em Joinville há uma igreja protestante e uma escola da língua oficial, mantida pelo governo (uma outra escola instalada pela Direção fica na parte posterior da Colônia), 5 casas comerciais, parcialmente bem supridas (na área rural há mais 3), uma bem instalada farmácia, 3 hospedarias com cancha de bolão e bilhar, 3 padarias e 4 açougues, os quais atendem totalmente o consumo de carne fresca na Colônia. Joinville é ao mesmo tempo a sede da Direção da Colônia e das autoridades brasileiras atualmente aqui existente, do subdelegado como chefe de polícia e juiz em pequenas causas criminais, do juiz de paz para causas cíveis até o valor de 50 milréis e de um fiscal como executor das medidas para manutenção da ordem pública tomadas pela Câmara Municipal de São Francisco. Como a Colônia tem cerca de 70 cidadãos naturalizados brasileiros, é considerada Freguesia na área estadual e tem todos os funcionários acima citados, entre os quais os juizes de paz que são eleitos pelo povo a cada quatro anos. Esta Freguesia também conseguiu eleger, na última eleição, um representante na Câmara Municipal de São Francisco, na pessoa do Diretor da Colônia, e foi até fator decisivo, pela unanimidade de seus votos, na eleição do candidato de determinado partido.

A vida social concentra-se igualmente em Joinville, atualmente, apesar de também no interior da Colônia acontecerem bailes. O novo imigrante vai ficar admirado com as diversões próprias da velha pátria que encontrará aqui. Há bailes, regularmente festas dançantes, uma sociedade de atiradores, uma associação de canto coral e uma banda de música que frequentemente é solicitada a tocar em outras localidades e que se apresenta com

com grande sucesso em bailes e concertos em São Francisco; até mesmo um grupo de teatro amador já se apresentou algumas vezes. Duas lojas maçônicas e uma associação cultural representam as aspirações mais elevadas. No interior da Colônia foi criada pelos suíços uma caixa de previdência e assistência mútua em caso de doença, segundo o modelo suíço, e de nome "Helvetia". Também os representantes dos proprietários de terras, eleitos, têm mensalmente suas reuniões em Joinville, quando discutem melhorias para a Colônia, dando especial atenção à conservação necessária das estradas e pontes. Em nenhuma Colônia há tanta inteligência reunida e muitas pessoas das classes mais cultas vivem aqui como colonos. Já em consideração à respeitável e culta sociedade dos colonos locais, queremos manifestar publicamente nossos protestos contra o fato de que a Colônia local é por vezes considerada uma espécie de casa de correção para as ovelhas negras da Pátria. Estes indivíduos, dos quais se envergonham os próprios pais na casa paterna, não tem lugar aqui. Se os pais os quiserem realmente melhorar, como é de sua obrigação, então é melhor que, na maioria dos casos, os coloquem em casas de correção na pátria natal; mas atirá-los sem mais nem menos ao mundo, sem maiores cuidados, significa condená-los certamente à decadência moral e física. Estas pessoas nada valem, nem aqui, nem em lugar algum, não querem trabalhar e não servem para nenhum trabalho, nem aqui abandonam o vício da bebida e não passam de um peso morto para a comunidade. São os mesmos, aliás, que, já em outra época, prejudicaram sensivelmente o bom nome da Colônia.

Voltando nossos olhos agora para as vantagens especiais que a Colônia oferece, já devido à sua privilegiada localização, a primeira vantagem será sem dúvida a total segurança de que goza contra os índios das montanhas, os chamados bugres selvagens. Durante os seis anos de existência da Colônia, não se registrou o mínimo incidente, de ambas as partes, aliás, ninguém pode se vangloriar de ter visto um bugre dentro dos limites da Colônia.

Outra vantagem que da mesma forma pesa muito na balança, é a segurança existente na Colônia contra enchentes perigosas. Se o Cachoeira tem seu volume de água aumentado por pancadas de chuva, ou transborda na época das marés de lua nova, causa somente alguns transtornos de comunicação por algumas horas nas partes mais baixas da localidade Joinville, sem nenhum dano às casas; as colinas, já por sua localização, jamais terão este problema. Um benefício invejável são os bons caminhos e estradas, a maioria em boas condições, de que dispõe a Colônia; uma benfeitoria que a coloca à frente de todas as outras colônias, quase mesmo de todo o Brasil. Os caminhos são na maioria de 16 a 21 pés de largura, enquanto que uma faixa de terra da mesma largura foi reservada para possibilitar seu alargamento quando necessário.



Nos declives e vales os caminhos são mais altos e providos de boas pontes e esgotos, entre elas por exemplo a Rua do Meio e a Rua do Norte, numa extensão de cerca de 3 horas contam com 60; as ruas tem igualmente a necessária inclinação de modo a permitir o escoamento da chuva para os dois lados através dos valos. A Colônia tem na parte habitada cerca de 5 legoas (à 21.000 pés rh.) de bons caminhos transitáveis. O quanto isto facilita e favorece o trânsito no interior da Colônia é de imaginar, e já agora este trânsito é bastante movimentado por 35 carroças de 4 rodas e pequeno número daquelas de 2 rodas. Isto facilita sobremaneira a colocação dos produtos agrícolas, em Joinville, pela população que produz e comercializa, e que depende da zona rural pelas próprias necessidades de vida. Os colonos reconheceram a importância desta rede de estradas instituindo, em acordo mútuo, impostos sobre animais de tração e de carga. Estes impostos, somados às verbas concedidas e asseguradas pelo Governo, destinam-se a manter estas estradas sempre em ótimas condições. A criação de uma representação dos proprietários de terras, eleitos, foi a consequência imediata desta questão tão intimamente ligada à vida interna da Colônia, de maneira que estas estradas e caminhos tem importância não só para o bem-estar material dos colonos, como também serviram de base para uma vida comunitária organizada e lucrativa.

A vantagem mais importante, futuramente, será sem dúvida a localização da Colônia. De um lado, o Cachoeira ligado ao São Francisco permite a comunicação, no curto espaço de tempo de 4 ou 5 horas, com o melhor porto natural do Brasil meridional, com a cidade de São Francisco e o mar. Esta estrada fluvial, na qual 3 ou 4 botes maiores permitem a comunicação diária com São Francisco, deve crescer em importância conforme o aumento da produtividade da Colônia. Mais um ano de desenvolvimento e temos certeza que o plano do Príncipe de Joinville, de facilitar a comunicação da Colônia com São Francisco através de um barco a vapor será até uma necessidade. As marés que chegam até a Colônia permitem que até pequenos navios costeiros, principalmente no tempo das marés de lua nova e lua cheia, cheguem até o porto da Colônia para carregar ali mesmo. A meta principal da Direção da Colônia é melhorar esta estrada fluvial dentro do possível, dotá-la de marcos e corrigir suas curvas. Graças às verbas do governo, para tal destinadas, várias curvas do Cachoeira foram removidas e o porto da Colônia deverá ter parapeito e instalações convenientes para o embarque de pessoas e carga e descarga de mercadorias. A possibilidade de ligar mais um rio, como por exemplo o agoas vermelhas ou Pirahy Piranca ao Itapocu e Cubatão, apesar de nenhuma via fluvial alcançar a importância da já existente, será apontada pelo tempo, quando a colonização atingir as margens

dêstes rios, povoando-as. Tendo sido dado um começo para a colocação dos produtos através da via fluvial, é também fato consumado a ligação direta com o planalto e o interior em pouco tempo. Várias expedições provaram que esta ligação com os distritos de onde vêm o mate (conhecido na Europa como chá do Paraguai) e os rebanhos de gado, só é possível a partir da Colônia através da serra, para aqueles distritos da Província do Paraná. Todo o tráfego, que custa somas consideráveis anualmente, só é possível através de animais de carga pelas estradas que conduzem ao planalto passando por Paranaguá e Morretes, em virtude do aclave demasiadamente íngreme da serra. Qualquer pessoa entende quanto isto custa em tempo e dinheiro. Daí o interesse do governo, há muito, em dar uma melhor estrada a este tráfego. O caminho encontrado a partir da Colônia superou as expectativas dos engenheiros do governo; pode ser transformado sem maiores dificuldades numa estrada transitável, já que o aclave nunca é maior que 3 ou 4 graus. O governo está firmemente decidido a construí-la no mais curto espaço de tempo, e já firmou contrato com a sociedade colonizadora neste sentido. Nestas condições fica assegurado à Colônia o trânsito do comércio para o mar, aliás, a Colônia precisa ser o primeiro mercado fornecedor no qual os moradores do planalto supram suas necessidades. Com o desenvolvimento do tráfego, é imprescindível que o porto de São Francisco seja dotado de uma alfândega de modo a atender as exigências do mercado. O governo acolheu com simpatia o pedido feito pela Colônia no sentido de construir uma alfândega em São Francisco, devendo atendê-lo assim que se mostrar a necessidade.

Aliás, nos últimos tempos o governo tem voltado mais intensamente sua atenção para a Colônia em desenvolvimento e em importante reconhecimento de seus méritos, mostra a maior boa vontade em fazer tudo que venha a contribuir para o seu franco progresso. A Colônia deve muito neste sentido ao Diretor Geral das Terras Públicas, Manoel Felizardo de Souza e Mello, que por ocasião de uma visita de mais de 2 meses durante o ano de 1855, ficou conhecendo as necessidades e as esperanças da Colônia. As subvenções já concedidas pelo governo à Colônia nos últimos tempos e aquelas que serão concedidas, devem-se em grande parte à sua poderosa influência e não podemos nos furtar em manifestar-lhe publicamente os nossos mais sinceros agradecimentos. O governo paga o salário do pastor protestante na Colônia e sustenta uma escola em que o ensino é feito em língua alemã, mas que deverá também ensinar o português. Foi prometido e sem dúvida serão construídas mais escolas em diferentes pontos da Colônia, com emprego de mais professores. Foram concedidos 15 contos de Réis (cerca de 12.400 rh.) para a construção de uma igreja católica e 10 contos de Réis (cerca de 8.300 rh.) para a de



uma igreja protestante, e estas obras serão iniciadas em breve; assim como a construção das casas dos sacerdotes de ambas as confissões, que esperamos sejam também financiadas pelo governo. Além disso o governo doou 2 contos de Réis (cerca de 1.660 rh) para a canalização do Cachoieira, assim como 4 contos de Réis (cerca de 3.320 rh) para os caminhos e pontes, sem contar que já em 1855 haviam sido doados 2 contos para este fim, e, em especial para a picada francesa que leva ao Cubatão, na sua continuação para Três Barras e um caminho para a estrada que leva ao planalto foram doados 1 1/2 conto. Também está sendo construído um prédio para pesos e cadeia anexa. Já dissemos acima que o governo assinou contrato, pelo qual se compromete a construir a estrada que levará ao planalto, no menor espaço de tempo possível. A todas as facilidades já concedidas, como isenção do serviço militar de impostos, isenção absoluta da taxa de alfândega para os bens de todos os imigrantes, acrescente-se ainda a recente isenção de porte de todas as cartas escritas pelos moradores da Colônia a seus amigos ou parentes na Europa. Em resumo, o governo privilegia a Colônia de todas as maneiras e não poupa esforços para promover seu desenvolvimento o mais rápido possível de modo a proporcionar um real bem-estar aos colonos.

Tudo o que foi dito acima nos dá o direito de concluir que nenhuma Colônia do Estado de Santa Catarina, aliás de todo o sul do Brasil, é mais conveniente para o desembarque dos emigrantes com destino às regiões sulinas, que a Colônia Dona Francisca. No entanto, queremos prevenir contra a especulação de uma firma hamburguesa, que leva os emigrantes a desembarcarem na capital da Província, Desterro, localizada na Ilha de Santa Catarina. Para aquele de poucos recursos e o pequeno capitalista, esta solução, acrescida das despesas de travessia mais caras, torna-se a verdadeira ruína. Mesmo com toda a gentileza das autoridades provinciais em Desterro em receber os imigrantes recém-chegados, estes são obrigados a fazer pessoalmente a declaração de seus bens, são atirados em meio a uma população de idioma estrangeiro, ficando assim vítimas de qualquer engodo, precisam custear uma hospedagem cara às vezes de alguns meses, na capital da Província e se quiserem se dedicar à agricultura têm de pagar as despesas de viagem para algum ponto do continente. Com as dificuldades de comunicação no Brasil a viagem aí apenas começa, e os pobres imigrantes, exauridos em meios e mais leves em bagagem, devem dar graças a Deus se conseguirem chegar ao seu destino. Ao contrário daquele que emigra direto para a Colônia local. Os preços da travessia são os mais baratos e aqueles que não podem pagar recebem o dinheiro das passagens como empréstimo. O imigrante não paga taxa alfandegária pelos bens que trouxer e damos um conselho àqueles que



pretendam emigrar para cá: que tragam todo o seu mobiliário, se possível tudo o que possuían na velha pátria. Prevenimos contra boatos ilusórios de que é melhor vender alguns bens antes da partida, para serem adquiridos depois aqui, pois tudo, seja utensílios, seja vestuário, custa o dobro que na velha pátria. Tanto pessoas como bens e bagagens são transportadas em botes, gratuitamente, do ancoradouro dos navios para a Colônia local. Uma vez aqui, cada pessoa tem hospedagem gratuita por alguns dias nas hospedarias locais e além disso pode morar nos primeiros tempos sem nada pagar, de modo que com tempo e vagar e sem grandes despesas possa ter idéia exata da situação antes que se decida a se estabelecer. Ninguém, desde que não tenha feito empréstimo para vir para cá, e ainda não o tenha pago, é obrigado a ficar na Colônia se não o desejar. Aquele que aqui chega, já decidido a seguir para outro lugar, goza dos mesmos benefícios como aquele que pretende morar aqui. Na Colônia fala-se exclusivamente o alemão, o imigrante encontrará aqui os queridos e conhecidos costumes, tradição e vida alemã, e reencontrará aqui a velha pátria, despida no entanto de vários erros, deficiências e preconceitos, e concordará conosco que a pátria alemã estará em todo lugar em que soar a língua alemã.

Enquanto os abaixo-assinados levam o acima exposto ao conhecimento de seus conterrâneos, crêem prestar não só à Colônia Dona Francisca um testemunho da verdade, como também uma ajuda ao emigrante alemão e suíço, indeciso ainda na escolha do seu destino, e pedimos pois a publicação a todas as redações, no interesse da boa causa.

Colônia Dona Francisca, em fevereiro de 1857

A representação local dos proprietários de terra.

Relatório Trimestral - abr./mai./jun., 19861. Atividades

- 1.1 - 17/04 - Maria Thereza Bübel, responsável pelo Arquivo, e Fátima Tenilda Rodrigues Cassales, arquivista, estiveram presentes à inauguração das novas instalações do Arquivo Histórico "Professor José Ferreira da Silva", em Blumenau.
- 1.2 - 24/04 - Esteve em Joinville o museólogo do Pró-Documeto, Sydney Simons Braga, com o objetivo de tomar conhecimento do material disponível para a montagem da exposição de fotografias antigas, a ser aberta no dia 18 de julho, quando serão inauguradas as novas instalações do Arquivo Histórico. Este material foi enviado para o Rio de Janeiro.
- 1.3 - 06/05 - Início dos trabalhos de embalagem e encaixotamento do acervo do Arquivo Histórico que será transferido para as novas instalações. Para tal, recebemos instruções de Mônica Medrado e Jorge Sahione do Pró-Documeto, já que o transporte do acervo exige um cuidado especial, envolvendo a listagem do material encontrado em cada caixa previamente numerada.
- 1.4 - 09/06 - Início do transporte do acervo do Arquivo Histórico para as novas instalações.
- 1.5 - 14/06 - A professora Raquel S.Thiago foi nomeada Diretora do Arquivo Histórico de Joinville. Raquel S.Thiago tem mestrado em história e é professora da Faculdade de História e Economia da FURJ, nas disciplinas História do Brasil Contemporâneo, História de Santa Catarina e Formação Econômica do Brasil. Há alguns anos vem desenvolvendo pesquisas históricas, tendo concluído o estudo sobre "Um caso de liderança política luso-brasileira na região de Joinville - Abdon Baptista - (1894-1920)".
- 1.6 - 17/06 - Estiveram em Joinville a arquivista Mônica Medrado e Jorge Sahione, do setor de restauração e conservação do Pró-Documeto, com o objetivo de orientar a transferência do acervo do Arquivo Histórico para as novas instalações.
- 1.7 - 25 a 27/06 - Maria Thereza Bübel, tradutora do Arquivo Histórico de Joinville esteve no Rio de Janeiro a fim de comprar o material necessário à organização da exposição de fotos antigas a ser aberta no dia 18 de julho, data da inauguração das novas instalações. Esta exposição está sendo organizada e montada por Luís Alberto Zaniga do Pró-Documeto.

2. Doações

2.1 Reinaldo Barth - 1 bíblia antiga, em alemão, que pertenceu ao Prof. Germano Timm.

2.2 Domingos Narloch - fotos e postais antigos.

3. Serviços realizados no trimestre:

3.1 Cópias xerox..... 417

3.2 Consultas..... 111

3.3 Correspondência:

3.3.1 Expedida..... 249

3.3.2 Recebida..... 119

3.4 Encadernação:

3.4.1 Enviados..... 83

3.4.2 Recebidos..... 120 v.

3.5 Recortes:

3.5.1 Jornais..... 3838

3.5.2 Revistas..... 141

3.6 Classificação dos recortes:

3.6.1 Jornais..... 3838

3.6.2 Revistas..... 141

3.7 Transferência do acervo

3.7.1 Número aproximado de lotes..... 1760